

Carlos Henrique Carvalho Silva *

Percepção, sensação e carnalidade na fenomenologia e ontologia de Maurice Merleau-Ponty

Perception, sensation and carnality in the phenomenology and ontology of Maurice Merleau-Ponty

"A vida é para nós o que concebemos dela. Para o rústico cujo campo próprio lhe é tudo, esse campo é um império. Para César cujo império lhe ainda é pouco, esse império é um campo. O pobre possui um império; o grande possui um campo. Na verdade, não possuímos mais que nossas próprias sensações; nelas, pois, que não no que elas veem, temos que fundamentar a realidade da nossa vida". (PESSOA, 2011, p. 48-49).

RESUMO

O presente artigo trata de descrever e analisar o tema da percepção em três obras de Merleau-Ponty: *A natureza da percepção* (1934), *Fenomenologia da percepção* (1945) e *O visível e o invisível* (1964), mostrando como o autor faz seu percurso em torno da crítica à psicologia e filosofia clássica. O estatuto filosófico presente em suas obras é o da tentativa de superar a relação sujeito-objeto ou o problema do solipsismo e estabelecer a primazia da percepção argumentando como esta se relaciona com a sensação, a corporeidade e a carnalidade. Nesse sentido, o pensamento moderno é posto em xeque e todas as teorias anteriormente estabelecidas é revisada a luz da fenomenologia em seu contato ingênuo com o mundo e da ontologia com a força da experiência perceptiva capaz de fazer da carne, o elemento crucial da sensibilidade e visibilidade, isto é, do mundo mais íntimo da percepção.

Palavras-chave: Percepção. Sensação. Corpo. Carne.

* Professor da UESPI.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and describe the theme of perception in Merleau-Ponty's three works: *The Nature of Perception* (1934), *The Phenomenology of Perception* (1945) and *The Visible and the Invisible* (1964), showing how the author Course of criticism of classical psychology and philosophy. The philosophical status present in his works is that of trying to overcome the subject-object relationship or the problem of solipsism and establish the primacy of perception by arguing how it relates to sensation, corporality and carnality. In this sense, modern thought is called into question and all previously established theories are reviewed in the light of phenomenology in its naive contact with the world and ontology with the force of the perceptive experience capable of making the flesh the crucial element of sensibility and Visibility, that is, of the innermost world of perception.

Keywords: Perception. Sensation. Body. Meat.

Introdução

O pensamento de Merleau-Ponty (1908-61) ocupa um destacado espaço na filosofia do século XX cujo escopo da fenomenologia e ontologia tem como base o pensamento de Edmund Husserl (1859-1938) que qualifica a fenomenologia como "*um retorno às coisas mesmas*"¹. Nesse sentido, para que possamos compreender por meio da fenomenologia é necessária uma conversão do olhar que se lança habitualmente sobre as coisas e que implica não mais falar delas mediante a tela de uma teoria prévia. Doravante, toda doutrina passa a se encontrar subordinada à representação de um objeto que somente meu espírito constituirá: não se trata mais de explicar criticamente no sentido kantiano nem de analisar as coisas de modo hegeliano, mas de descrevê-las. Assim, a fenomenologia é precisamente uma descrição da estrutura específica do fenômeno, aparecendo como condição de possibilidade do conhecimento na medida em que a consciência constitui as significações no nível da apreensão empírica ou da constituição transcendental dos objetos.

Para Merleau-Ponty (2006, p.1), a fenomenologia é marcada pelo esforço crucial de um "*contato ingênuo com o mundo*" a fim de adicionar a si, um estatuto filosófico. Para ele, trata-se de uma filosofia transcendental (em desaprovação à ciência) que busca efetivamente não uma explicação ou uma análise, mas basicamente uma descrição. A partir do caráter descritivista da fenomenologia, todo o nosso conhecimento não precisa mais ser pensado por uma ótica científica, visto que a experiência de e do mundo vivida pelo sujeito não pode mais se redu-

¹ Em outros termos, o filósofo afirma no prefácio da *Fenomenologia da Percepção* que este retorno compreende uma não aceitação dos termos levado a cabo pela ciência. Assim, ao negar a ciência, "eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu 'psiquismo', eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência". (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 3).

zida e/ou explicada pelas simbologias construídas pela ciência. Por outro lado, a fenomenologia não deve assumir o projeto de fundamentar a ciências da natureza, mas de permitir a superação das aporias das estruturas do comportamento. Assim, a fenomenologia merleau-pontyana é uma filosofia que repõe as essências na existência².

Em defesa dessa fenomenologia e de uma revigoração do seu pensamento por meio de uma “nouvelle ontologie”, ele nos contempla com o estudo e o desenvolvimento do conceito de percepção por meio de uma análise descritivo-crítica ao longo de várias obras nas quais destacaremos, *A natureza da percepção* (1934), *Fenomenologia da Percepção* (1945) e *O visível e o invisível* (1964)³. Nelas, o filósofo francês fundamenta, revisa, aprofunda e justifica uma primazia da percepção, além de que manifesta sua profunda preocupação com os sentidos atribuídos a questão e a formulação de teorias que, segundo ele, se encontram distantes do verdadeiro sentido e notoriamente preso aos conceitos formais que marcam a metafísica moderna e a psicologia clássica. Por isso, é sempre notável no seu pensamento, uma vigorosa crítica a forma como a importante questão da sensação é abordada pelos seus antecessores e a exigência radical de um retorno necessário aos fenômenos.

Para compreender a fenomenologia de Merleau-Ponty, sobretudo, no que diz respeito ao tema da percepção é importante contar com as leituras de autores que dedicam relevantes contribuições como Renaud Barbaras, Michel Henry, dentre outros que muito tem contribuído para estabelecer o entendimento filosófico destacado entre os pensadores do século XX. Nesse sentido, o presente trabalho trata de discorrer uma análise sobre a percepção nas obras acima, enfatizando o posicionamento crítico do autor com a leitura que vai da filosofia moderna à psicologia clássica e, sobretudo, como compreender as relações entre percepção e corpo.

Assim, Merleau-Ponty pretende fundamentar uma fenomenologia “particular”⁴ que não se preocupa mais em partir da herança cartesiana da consciência como quiseram seus antecessores Husserl, Heidegger e Sartre, mas sim do corpo definido. De fato, Merleau-Ponty inaugura uma fenomenologia do corpo e da primazia da percepção (psíquica, fisiológica e existencial) sobre a consciência e que ata a relação homem-mundo:

Desta crítica introdutória do cogito racionalista, surge a força implícita que conduz ao método que Merleau-Ponty adotará para tentar identificar

² Não podemos deixar de levar em consideração a importante descrição de Renaud Barbaras na introdução de *D'être du phénomène* acerca da proposta filosófica nas obras de Merleau-Ponty e os traços singulares que as distinguem da fenomenologia alemã de Husserl e Heidegger. Para Barbaras (2001, p. 9): “O destino da filosofia de Merleau-Ponty é marcado pela ambiguidade [...] É indiscutível que ele persegue um contínuo debate com Husserl e que na ontologia do *Visível e invisível* se aproxima do pensamento de Heidegger. No entanto, a despeito desta importante referência à filosofia alemã, Merleau-Ponty sinaliza um caminho singular que integra e ultrapassa tanto a filosofia da consciência como a do *Dasein*. (Grifo Nosso).

³ É conveniente ressaltar que em 23 de novembro de 1946, Merleau-Ponty apresentou à sociedade francesa de filosofia, uma conferência intitulada “O primado da percepção e suas consequências filosóficas” que embora tenha um debate bem construtivo sob o tema em questão, não o abordaremos nesse momento.

⁴ Trata-se de uma fenomenologia existencial que procura extinguir a figura dual interior e exterior e nega o idealismo transcendental que despoja o mundo de sua opacidade estabelecendo, assim, uma relação homem-natureza no seu aspecto bruto, sensível.

mais de perto o significado de consciência. Como sabemos, em Descartes, a evidência da minha existência como ser que dúvida está no pensamento, isto é, produto da decisão metodológica de negar a existência do mundo, assim como, do valor objetivo da evidência de minha compreensão. (BARBARAS, 2013, p. 166, grifo nosso).

Em outras palavras, enquanto a metafísica moderna se preocupa constantemente em compreender a relação sujeito-objeto, Merleau-Ponty estabelece uma escrita filosófica privilegiando a relação percepção-corpo-mundo. Enfim, o movimento deste breve texto pretende mostrar como a partir de um diálogo com a psicologia, o problema da percepção aparece sob um postulado filosófico.

A crítica aos conceitos clássicos da percepção no texto de 1934

O conceito de percepção é inicialmente desenvolvido no breve estudo monográfico intitulado *a natureza da percepção* de 1934. Nele, o autor busca construir uma análise descritiva sobre a forma como as teorias filosóficas e psicológicas, sobretudo, a Gestalt alemã desenvolve o problema. Merleau-Ponty justifica a necessidade de um novo estudo capaz de questionar o desenvolvimento do campo das ideias (tanto na psicologia quanto na filosofia), acerca da percepção, usando para tanto, uma crítica à fisiologia do sistema nervoso e da patologia mental, que ao reduzir a um mero estudo sobre doenças da percepção e não ao sentido real de uma filosofia da percepção que se deseja emprestar, torna impossível de abordar esse problema.

Tanto o estudo da fisiologia quanto o da patologia mental não parecem estar devidamente articuladas para tratar da percepção por faltar nelas, pesquisas maduras o suficiente para superar a condição hipotética experimental. O que permite Merleau-Ponty pressupor a ausência de argumentos favoráveis para oferecer um caminho seguro que torne válido “encontrar uma presunção favorável a uma psicologia que faria da percepção normal um dado bruto, ou, ao contrário, uma construção que interessaria a toda atividade mental” (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 16),

Ora, a psicologia da percepção está carregada de pressupostos filosóficos, que são introduzidas com noções as mais aparentemente inocentes – as de sensação, imagem mental, lembrança entendida como um ser permanente... Mesmo se não tivéssemos intenções de nos interrogar sobre os problemas últimos da percepção – sobre o sentido da verdade no conhecimento sensível-, a elucidação do problema psicológico não poderia estar completa sem recorrer à filosofia da percepção. (MERLEAU-PONTY, 2015, p.18).

Assim, ao tomar como aporte a filosofia de Edmund Husserl, Merleau-Ponty crê na fenomenologia transcendental, uma nova forma de filosofia cujo problema do conhecimento (que seja de uma filosofia da percepção) dá lugar uma teoria que se distingue de todas as formas do criticismo kantiano, pois “Husserl compara expressamente as relações da fenomenologia e da psicologia com as da matemática e da física, e do desenvolvimento de sua filosofia, espera uma renovação dos princípios da psicologia”. (MERLEAU-PONTY p. 19).

Em outras palavras, a fenomenologia teria o papel crucial de trazer à renovação do movimento filosófico na psicologia via atitude transcendental que demarca nitidamente as relações entre esta e a fenomenologia nas obras do fenomenólogo alemão. Quando Merleau-Ponty fala de uma renovação significa que o problema da percepção será tratado pela psicologia em seu terreno e esclarecido por métodos próprios (o método indutivo é um dos exemplos) e jamais será substituído pela filosofia, mas apenas auxiliado a encontrar o sentido mais amplo da verdade acerca da percepção. Portanto, na visão dele é natural que a fenomenologia e a psicologia mereçam destaque ao papel que se prestam na construção revisionista da consciência e da sensação, sendo esta última, condição imprescindível para compreender o tema da percepção.

Para tanto, grande parte do seu trabalho dedicado à psicologia tem como foco o modo como a Gestalt (teoria da forma) compreende e determina a relação da percepção com o objeto, o espaço e o movimento. Em relação ao objeto, diz-se que para a *Gestaltpsychologie*, a percepção que se tem do objeto é determinado não pela sua significação, mas porque se ergue sobre ele uma estrutura especial da “figura sobre o fundo”, que projetam lembranças de experiências anteriores ou em outras palavras, o reconhecimento do objeto. Porém, esse caso não seria possível na visão de Geld e Goldstein caso alguém sofra de certas cegueiras psíquicas, isto é, seja incapaz de projetar as lembranças na sensação. Por isso,

a própria estrutura “figura e fundo” é somente um caso particular da organização espontânea dos campos sensoriais. De maneira geral, é preciso dizer que a percepção primitiva se refere mais as relações do que a termos isolados – relações visíveis e não concebidas. (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 22-23).

Por outro lado não se pode compreender integralmente o objeto sem sua relação com o espaço e o movimento. Com base numa crítica ao método experimental de Max Wertheimer, um dos fundadores da Gestalt⁵, o espaço articulado enquanto objeto de pensamento faz com que a percepção formule juízos de distância-proximidade, quais, sejam “a grandeza aparente e a disparidade de imagens da retina”⁶ necessárias, a saber, quantos passos faltam para tocar o objeto. Porém, na visão de Merleau-Ponty, esse argumento se mostra insuficiente, uma vez que a percepção da profundidade pode ser suprimida pela existência de outro objeto mais próximo no qual seja possível produzir uma forma de impressão diferente do objeto mais distante:

Já que sempre se julgava o que vemos pelo que se pinta na retina e já que os pontos escalonados em profundidade ali se projetam em um único plano, era bem preciso supor que o sujeito reconstitui a profundidade, a conclui, mas não a vê. Ao contrário, e pela mesma razão, não

⁵ Embora, a crítica de Merleau-Ponty à Wertheimer seja contundente, não se pode esquecer que ele estabelece a lei geral da pregnância ressaltando forma e estabilidade (ordem, simetria e coerência) de uma percepção. Tal teoria é de aporte fundamental para o desenvolvimento da percepção em toda a fenomenologia Merleau-pontyana.

⁶ Merleau-Ponty, 2015, p. 23.

se via dificuldade na percepção imediata da largura e da altura. (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 25).

Nesse sentido, Merleau-Ponty vai apontar que o estudo da Gestalt sobre a percepção espacial é normalmente determinado, não por meio uma operação intelectual, mas por uma série de experiências articuladas metodicamente que vai por em questão a relação da percepção com o movimento. Tais experiências desenvolvidas por Wertheimer ficaram conhecidas como movimento estroboscópico, isto é, "movimento puro"⁷. Para o filósofo francês, esse experimento não consegue nos fornecer uma resposta positiva sobre a percepção, mas ao contrário,

Nossa percepção do movimento não poderia, portanto, ser assimilada à estimativa de uma distância crescente entre dois únicos pontos percebidos, ao movimento tal como o físico o define. É preciso insistir no fato de que, tanto nessa análise quanto nas precedentes, todo o interesse dos psicólogos da Gestalt se volta para as experiências que os seus princípios tornam possíveis e das quais não se pode dar conta aqui. Nada se parece menos a um apelo precipitado ao *sui generis*. (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 26).

As colocações de Merleau-Ponty não se esgotam nessas linhas, pois em seguida parte para uma análise da percepção infantil através do estudo da percepção sincrética na criança⁸, isto é, as observações apontadas indicam que a criança desenvolve uma profunda sensibilidade perceptiva que a faz tornar-se detalhista, ao contrário do adulto que desenvolve uma percepção estruturada, "na qual os conjuntos são articulados e os detalhes organizados". (MERLEAU-PONTY, 20045, p.27). No entanto, chama atenção a forma como a percepção infantil se organiza. Segundo a Gestalt essa organização seria marcada não por uma simples adição de fatos ou objetos, mas por reorganização, não a formação de um mosaico de impressões vinculados ao mundo, mas por conjuntos bem articulados dos diferentes fatos e objetos, embora não estejam necessariamente vinculados.

Recorrendo a Piaget, para tratar da questão do desenvolvimento do egocentrismo na criança, Merleau-Ponty ressalta que este não a retrata com exatidão, pois o mundo perceptivo da criança naturalmente ignora os critérios de objetividade do adulto. Porém, esse ignorar não deve ser interpretado como um comportamento egocêntrico que se volta para uma consciência infantil fechada em suas teimosias. Já as colocações de Paul Guillaume e Henri Wallon assinalam o contrário de Piaget, seja voltando-se para uma análise acerca da precocidade do comportamento adaptado ao espaço, seja pelo desenvolvimento de uma gênese da percepção objetiva, o fato é que ambas as teorias caminham numa direção menos problemática do que as anteriores, embora ainda sinalizem a necessidade de serem mais debatidas.

⁷ O rodapé na página 26 nos oferece um sinal sobre o estudo que Merleau-Ponty faz do movimento na obra *Experimentelle Studien über das Sehen von Bewegung*, publicado em 1912, Wertheimer conduz um estudo sobre como se dá a percepção do campo visual do movimento por meio de fenômenos estroboscópicos, também conhecido como "movimento puro" ou movimento sem móvel.

⁸ O problema é retomado e discutido no livro Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos de filosofia e linguagem (1949-52) a partir do capítulo intitulado "Estudo da percepção na criança".

Merleau-Ponty conclui o breve estudo da natureza da percepção ressaltando como a concepção inteiramente nova da consciência tem trazido importantes consequências para a teoria do conhecimento sensível, embora, a Gestalt não tenha debatido muito a questão. Daí que por “comodidade” se aceita a distinção entre um mundo dos objetos e uma consciência imanente, o que faz, então, com que a estrutura da consciência seja explicada por fenômenos transversais, que não soluciona a questão. Além disso, o problema do conhecimento posto por Kant acaba sendo uma influência decisiva nas teorias posteriores, incluindo as de cunhos psicológicos. Portanto, é na direção oposta que a filosofia de Merleau-Ponty busca orientar-se.

O “fundamento” da percepção corpórea na obra de 1945

Mas é na *Fenomenologia da percepção* (1945) que Merleau-Ponty consagra seu nome no movimento filosófico do século XX, ao lançar as bases do seu pensamento através da tese fundamental da relação entre a percepção, sujeito e mundo:

O desvelamento do campo da percepção é revelado a partir dos resultados da psicologia da forma, resta-nos permanentemente tentar apresentar as categorias da filosofia reflexiva denunciada por Merleau-Ponty. Ele foi muito claro em seu pensamento ao mostrar que a Fenomenologia da Percepção permaneceu como um trabalho preliminar – essencialmente dedicado à descrição da experiência perceptiva e a crítica simétrica do intelectualismo e do realismo – cujo significado filosófico não era claramente estabelecido. (BARBARAS, 2001, p. 11-12, grifo nosso).

No entanto, desde a sua introdução, Merleau-Ponty mostra como pretende estabelecer a relação entre percepção e mundo:

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição: ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 6).

No primeiro capítulo (*A sensação*) da citada obra, ele critica a interpretação formal-objetivista e fisiologista-mecanicista da sensação, percepção e do corpo que trouxe amplos prejuízos ao entendimento filosófico, impondo a urgente necessidade de revisar e esclarecer o “mal entendido” gerado pelos filósofos modernos e pós-modernos⁹.

⁹ Também é importante considerar que Merleau-Ponty sofreu profundas influências de Descartes com o cogito racional X o cogito em situação concreta, Kant com a questão da transcendência da matéria X experiência, Husserl com a intencionalidade e o próprio estatuto da fenomenologia, Heidegger com relação a transcendência das coisas X corpo e Sartre com a transcendência do eu X a existência fora do eu. Segundo Chauí (1999, p. 241): “O pensamento de Merleau-Ponty se desenrola em dois movimentos: no primeiro indaga se a fenomenologia poderia ser a radicalização do cartesianismo. No segundo, procura a origem da separação entre fato e essência para, ao desvendá-la oferecer um caminho que possa riscá-la. Por essa via, o texto passa da essência-noema à essência-operante”.

De fato, Merleau-Ponty privilegia uma apresentação criteriosa e crítica à compreensão positivista da percepção por meio da revisão do conceito de sensação, sua relação com o corpo e com o movimento. Nesse ponto, é notório que a ciência, em sua versão positivista, distingue a percepção em relação à sensação, embora a relacione por meio da causalidade estímulo-resposta. Nessa ótica, nota-se que a percepção é o ato pelo qual a consciência apreende um dado objeto, utilizando as sensações como instrumento.

A percepção é para Merleau-Ponty, muito mais do que a experiência pura e direta das coisas ou um tipo de conhecimento fundamentado na relação de causa e efeito, como propuseram os empiristas clássicos¹⁰ devendo, portanto, “reformular” esse entendimento que,

É o que distingue o tipo de fenomenologia que Merleau-Ponty praticou do empirismo com que estão familiarizados os que estudaram, sobretudo a filosofia de língua inglesa. Os empiristas também diriam que a percepção é nosso modo primordial de contato com o mundo, a base sobre a qual todo o nosso conhecimento do mundo repousa e na qual o significado de todos os nossos conceitos se enraízam. Mas essa semelhança superficial oculta uma diferença mais profunda e, se pudermos explorar essa diferença em maior profundidade, talvez possamos ter uma ideia mais clara do que Merleau-Ponty busca alcançar com sua filosofia. (MATTHEWS, 2010, p. 33-34).

Uma vez que a percepção acabou por ser entendida como imitação, duplicação de uma sensibilidade percebida e diplopia, ou seja, um tipo de ambiguidade ontológica¹¹ no qual se tem a percepção de duas imagens de um mesmo objeto que se excluem mutuamente, de maneira que a filosofia se situa num complexo jogo rotações intermináveis entre as noções de corpo e alma, pensamento e sensação, além de outras. Nesse sentido, é preciso superar esse dualismo substancialista da filosofia racional e essencialista ao suspender os juízos formulados por essas correntes do conhecimento¹². Portanto, é preciso desvincular o pensamento da teoria da Forma do verdadeiro sentido de percepção que Merleau-Ponty pretende construir.

Introduzindo o estudo da percepção, o fenomenólogo francês expõe o conceito de sensação como uma experiência dos afetos singulares, isto é, o modo como o sujeito é afetado de forma imediata e clara pelos fenômenos do mundo.

¹⁰ A este respeito é importante relatar a crítica que Merleau-Ponty desenvolve nos seus cursos de filosofia e linguagem ministrado na Sorbonne nos anos de 1949-52 no qual predomina o discurso de objeção quanto a relação de causa e efeito em Hume e Malebranche. Para ele (1990, p.208), “a relação de causa e efeito desaparece na análise objetiva dos fenômenos. Quando se consideram duas bolas de bilhar (a primeira batendo na segunda que se põe em movimento), diz-se por metáfora que o movimento da primeira “passou” para a segunda. Mas na realidade constata-se somente que a primeira bola de bilhar para enquanto a segunda começa a se deslocar. Conclusão: o vínculo de causalidade que liga a primeira bola de bilhar à segunda é um vínculo subjetivo ou imaginário, não havendo experiência de causalidade. A análise de Hume reduz a experiência do movimento à de um simples deslocamento”.

¹¹ Para compreender melhor a questão da crítica da noção clássica da percepção ver a análise bem argumentada por Sombra, 2006, p. 115-116.

¹² Para compreender melhor a crítica a filosofia dualista e substancialista, indicamos a leitura de Dupond, 2010, p. 18-19.

Exemplo: a experiência de sentir o clima quente ou o frio traduz-se em sensações desiguais, porém, ao se situar no mundo objetivo, nada poderia significar. Mas quando se trata da percepção é preciso situá-la num outro nível: o pré-reflexivo que significa dizer que não se deve abordar mais o problema das sensações de modo imediato:

Renunciarei, portanto, a definir a sensação pela impressão pura. Mas ver é obter cores ou luzes, ouvir é obter sons, sentir é obter qualidades e, para saber o que é sentir, não basta ter visto o vermelho ou ouvido um *lá*? O vermelho e o verde não são sensações, são sensíveis, e a qualidade não é um elemento da consciência, é uma propriedade do objeto. Em vez de nos oferecer um meio simples de delimitar as sensações, se nós a tomamos na própria experiência que a revela, ela é tão rica e tão obscura quanto o objeto ou quanto o espetáculo perceptivo inteiro. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 25).

Assim, para chegar ao seu intento analisa a rigor o problema da sensação que temos de um objeto a partir de duas interpretações correntes ou como ele mesmo diz, “duas maneiras de se enganar”,

Uma é fazer dela um elemento da consciência, quando ela é objeto para a consciência, tratá-la como uma impressão muda quando ela tem sempre um sentido; a outra é acreditar que este sentido e esse objeto, no plano da qualidade, sejam plenos e determinados. E o segundo erro, assim como o primeiro, provém do prejuízo do mundo. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 26).

Ao trabalhar a formação da nossa percepção a partir de uma concepção ótica e geométrica, Merleau-Ponty parte para uma crítica de uma teoria da ilusão do psicólogo alemão Franz Müller-Lier que afirma que duas retas idênticas, mas com ângulos invertidos em suas extremidades, aparentam possuir tamanhos distintos: aquela que possui o ângulo voltado para dentro aparenta ser menor¹³. Para o filósofo francês, os objetos – no caso a reta de Müller-Lier – situado no campo visual, não estão em situação de serem comparado um ao outro, mas pertence cada qual ao seu próprio contexto, um universo singular distinto. Se tomarmos o mundo pela sua objetividade seria possível afirmar a diferença entre as retas. Mas no campo visual de uma consciência, melhor dizendo, de qualquer consciência, essas retas não são iguais, tampouco, o oposto disso, mas se encontram positivamente indeterminadas, pois, tanto o campo visual pode ampliar seus limites como o objeto diminuir sua distância em relação ao campo visual, fazendo com que a atenção dada a ele nem sempre seja visível¹⁴.

Logo, ao rejeitar cair no prejuízo de definir o ato de sentir pela impressão pura, isto é, pelo fator físico, a noção de sensível merleau-pontyana aparece no nível de superação não somente deste modo de impressão, mas procura ir além

¹³ A figura 1 que explicita a ilusão das retas aparece na página 27 da edição brasileira da *Fenomenologia da Percepção* e nos ajuda a entender o diálogo em torno do problema.

¹⁴ Com efeito, esse debate percorre os três capítulos da introdução da obra maior de Merleau-Ponty, o que por si, demandaria uma abordagem mais exaustiva do problema dos prejuízos clássicos acerca da percepção e a necessidade de se retornar aos fenômenos.

da compreensão de uma qualidade do objeto, mostrando que a sensação também aparece a nós como sentido, intenção e significação, portanto, “superando” as aporias de uma lógica objetiva e abrindo a possibilidade de um conhecimento mais flexível com as ambiguidades dos acontecimentos no mundo humano. Por isso, no afã de superar o que se convencionou chamar de pensamento primitivo, Merleau-Ponty tenta impor o tema da percepção através da constatação de que o sensível é o ser que nos atinge no que temos de mais secreto, em estado bruto ou selvagem, num absoluto de presença do outro e do mundo. Assim,

O sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele [...], do mesmo modo o sensível não apenas tem uma significação motora e vital, mas é uma certa maneira de ser no mundo que se propõe a nós de um ponto do espaço, que nosso corpo retoma e assume se for capaz, e a sensação é literalmente uma comunhão. (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 285-286).

É notório que em relação ao primeiro trabalho, há um inegável amadurecimento do autor articulando ideias com uma argumentação particular de renúncia e tentativa de superação dos juízos clássicos acerca da percepção e a constituição de um tema original sob a égide de seu pensamento.

O revisionismo da percepção na “nouvelle ontologie” de 1964

Por outro lado, em *O visível e o invisível*, Merleau-Ponty mostra sinais de um caráter profundamente revisionista ao dedicar mais de 100 páginas a análise do problema da percepção em dois capítulos, intitulados, “Reflexão e interrogação: a fé perceptiva e sua obscuridade e Interrogação e dialética: a fé perceptiva e a negatividade”. De fato com base na análise da fé perceptiva, o filósofo francês compreende a percepção como interrogação da realidade, uma percepção seguramente ancorada no corpo, não em uma consciência que sobrevoa o corpo e que por processos cognitivos abstratos ordena as ações e o próprio pensamento sem vínculos corporais, mas em torno da carne que está aqui e agora e por sua reversibilidade funda-se um corpo a outro, criando espaços de significações.

Nesse sentido, encontra-se o problema da percepção corpórea juntamente com o conceito de corpo-carne. Nesta, Merleau-Ponty levanta os seguintes questionamentos: “Onde colocar o limite do corpo e do mundo, já que o mundo é carne? Onde colocar no corpo o vidente já que evidentemente há apenas “trevas repletas de órgãos”, isto é, ainda o visível?” (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 134). Antes de analisar a questão é importante entender o que isto significa. Barbaras (2013) dedica um importante debate no capítulo intitulado “*De l’ontologie de l’objet à l’ontologie de l’élément*”¹⁵. Neste, compreende-se o esforço de mostrar a tentativa merleau-pontyana de separar a velha ontologia arraigada na visão do objeto da nova ontologia, fundamentada na noção da carne ou como vai se constituir um

¹⁵ Trata-se do capítulo IX do livro *Le tournant de L’expérience – recherches sur la philosophie de Merleau-Ponty*, p. 200-223.

pouco mais adiante, o conceito de elemento. Como a própria tradição metafísica, contando, inclusive, com o aporte decisivo da filosofia fenomenológica de Husserl da qual Merleau-Ponty constitui a base de seu pensamento, mas que por outro lado, aparta-se ao reivindicar uma posição para a ontologia que deve se afastar efetivamente do mundo objetivo.

Já para Silva (2009), a carne possui uma significação sinérgica, isto é, o esforço coordenado que visa uma reabilitação ontológica da experiência sensível cuja dimensão visa alcançar a coexistência com o corpo-outro. Por sua vez,

A carne sempre comporta uma tensão entre proximidade e distância, posto que há uma simultaneidade da distância e do contato na experiência perceptiva. Se é verdade que o sujeito que percebe e o percebido são primeiramente fenômenos do aparecer do mundo percebido, deve-se admitir que há presença a si apenas como distância de si, e que a própria coisa excede por essência, a uma série de aparecimentos. (CAMINHA, 2010, p. 348).

De fato, a carne aparece como uma categoria ontológica vital para compreender o corpo animado em oposição ao corpo objetivo. Assim, entendemos que carne não é matéria, tampouco espírito e muito menos substância. Para Merleau-Ponty carne é elemento primordial pela qual as coisas (o visível e o vidente) se constituem:

Seria preciso para designá-la o velho termo “elemento”, no sentido que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a ideia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. Neste sentido, a carne é “um elemento do ser” (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 136).

Portanto, a carne é a plenitude de coesão entre o visível e o vidente, uma noção singular que atravessa e transforma o corpo-próprio e o corpo-outro numa intercorporeidade por meio de um entrelaçamento, o quiasma¹⁶. Este, por sua vez, é o ponto primordial que gesta a compreensão acerca da indivisibilidade do corpo. Por meio do quiasma, o visível e o vidente realiza a unidade por meio da instauração do corpo-outro no corpo-próprio num constante processo de reversibilidade¹⁷, pois

se minha mão esquerda pode tocar a minha direita enquanto ela apalpa os tangíveis, tocá-la tocando, voltar para ela sua palpação, por que tocando

¹⁶ Vejamos uma descrição sucintamente interessante para esta pesquisa encontrada nas notas de trabalhos de Merleau-Ponty: “O quiasma em lugar do para-outro: isso quer dizer que não há apenas rivalidade eu-outrem, mas co-funcionamento. Funcionamos como um único corpo. O quiasma não é somente troca eu-outro (as mensagens que recebe é a mim que chegam, as mensagens que recebo é a ele que chegam), é também troca de mim e do mundo, do corpo fenomenal e do corpo objetivo, do que percebe e do percebido: o que começa como coisa e termina como consciência da coisa, o que começa como “estado de consciência” e termina como coisa”. (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 200).

¹⁷ Conforme Dupond (2010, p. 66): A reversibilidade caracteriza a relação em virtude da qual o palpar ou o ver são inseparáveis de um ser palpado e um ser visto. A atividade só se pode dar numa proximidade constante com a passividade. Inscreve-se, assim, nas relações do sensiente com o sentido, uma reversibilidade, uma circularidade em que se revela um copertencimento deles, mas também sua distância, sem coincidência ou fusão.

a mão do outro, nela também não tocaria o mesmo poder de esposar as coisas que toquei na minha?”. (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 137).

Esse exemplo da dupla aptidão do corpo (de sentir e de se sentir) é anteriormente abordado na *Fenomenologia da Percepção*, porém, ainda sem o aprofundamento necessário que requer a presença do corpo-outro¹⁸. Com a presença necessária do elemento que faltava (o outro), Merleau-Ponty (2009, p. 137) justifica a captação de “*outros Narcisos, para uma Intercorporeidade*”.

Assim, a metáfora tocante-tocado e vidente-visível, apenas expõe a preocupação do nosso autor com uma possível absolutização do sensível. Barbaras (2001, p. 183) expõe uma interessante visão mostrando claramente que a experiência tocante-tocado revela a “quase identidade” entre o corpo e o sentir, ou melhor, dizendo, que corpo objetivo e o corpo fenomenal são como duas faces de uma realidade mais profunda na qual a encarnação reencontra a presença mesma do sentir.

Por sua vez, Henry destaca que esta dupla relação promove o mundo sensível como única e definitiva realidade:

Dessa dupla possibilidade inerente ao corpo transcendental de se fazer mundo – de, tocante, de se fazer tocante – e, ao mundo, de se fazer corpo transcendental – de, tocado, se fazer tocante – resulta o Sensível merleau-pontyano: sentinte/sentido, tocante/tocado, vidente/visível, tudo de uma só vez uniformemente, o entrelaçamento, essa entidade tão eclética quanto inconcebível que pretende definir a única realidade, a do mundo – aparecer e conteúdo confundidos -, o mundo sensível, a carne do mundo. (HENRY, 2014, p. 169-170).

Portanto, para que a experiência perceptiva se mostre na sua totalidade é preciso que a carne se ponha no limite do corpo e do mundo, maximizando a compreensão da sua existência e redescobrimo sua relação com outrem.

Considerações finais

Tratamos do problema da percepção em três momentos distintos, mas interligados. O tema do primado da percepção exposto no vigor da maturidade do texto publicado em 1964 em relação ao escrito 30 anos antes é sem dúvida, latente, no sentido de que as ideias mais originais desabrocham sem nenhum pudor, guardando, inclusive, muitas diferenças em relação à obra de 1945, a que consagra Merleau-Ponty no panteão dos grandes filósofos contemporâneos. Reconhecemos como ele desloca o problema da percepção como o fundo sobre o qual todos os atos se liberam ao mesmo tempo em que ela é pressuposta por estes. Entendemos através do texto de 1964, que a percepção, para Merleau-Ponty, é o campo primordial de revelação do mundo, o campo onde se fundem sujeito e objeto numa natureza corpórea que através da carne se faz perceber como parte

¹⁸ Quanto a essa questão seguimos as indicações de Sombra (2006, p. 156-7): “Graças a essa virtualidade de tocar, tocar-se e ser tocado, ele adquire a experiência singular de ser corpo reflexivo: poder experimentar-se como corpo que se sente, como sujeito e objeto de percepção. É essa experiência consigo mesmo – como carne sensível que tem como característica essencial reconhecer-se como reflexividade – que dá lugar a uma subjetividade corpórea, cuja forma originária é ser corpo”.

integrante-integrada do mundo. Assim, a percepção se mostra indissolúvel na medida em que o sensível-vidente se afirma numa carnalidade percebida no momento que somos atingidos com nossa absoluta presença no mundo.

Referências bibliográficas

- BARBARAS, R. *De l'être du phénomène*. Paris: Jérôme Millon, 2001.
- _____. *Le tournant de l'expérience: recherches sur la philosophie de Merleau-Ponty*. Paris: Vrin, 2013.
- CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. *O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e Percepção na filosofia de Merleau-Ponty*. João Pessoa: EDUFPB, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DUPOND, Pascal. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HENRY, Michel. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: Realizações editora, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *O visível e o invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora. 4. ed. São Paulo: Perspectiva. 2009.
- _____. A natureza da percepção. In: _____. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Organização Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *A carnalidade da reflexão*. Ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty. Toledo, PR: Nova Harmonia, 2009.
- SOMBRA, José de Carvalho. *A subjetividade corpórea: a naturalização da subjetividade na filosofia de Merleau-Ponty*. São Paulo: UNESP, 2006.

Sobre o autor

Doutorando em Filosofia na UFG. Professor do Departamento de Filosofia da UESPI.
E-mail: carlosmachiavelli@yahoo.com.br

Recebido em 21/7/2018
Aprovado em 11/11/2018

Como referenciar esse artigo

SILVA, Carlos Henrique Carvalho. Percepção, sensação e carnalidade na fenomenologia e ontologia de Maurice Merleau-Ponty. *Argumentos: Revista de Filosofia*. Fortaleza, ano 11, n. 21, p. 141-153, jan.-jun. 2019.